EUA dão 5 semanas para que o Chile melhore direitos humanos

Sílvia S. Costa

"O governo do Chile tem cinco semanas para melhorar a situação dos direitos humanos e espero que faça algo nesse sentido, pelo bem do povo chileno."

Esse prazo foi dado pelo secretário de Estado adjunto para Assuntos Interamericano, Elliot Abrams, ao comentar a posição dos Estados Unidos em relação ao governo de Santiago. Cinco semanas é o período que falta para a decisão sobre um empréstimo de 250 milhões de dólares do Banco Mundial ao Chile.

"Gostaríamos de votar a favor da concessão do empréstimo", disse Abrams, em entrevista a jornalistas de todo o mundo através do circuito fechado de televisão Arnet (American Republics News) na sede da Embratel, no Rio. "Mas nossa lei não permite que se apóie esse tipo de empréstimo se os direitos humanos não estiverem sendo respeitados."

Segundo Abrams, "não há qualquer justificativa para a permanência da ditadura no Chile". Ele afirmou mais uma vez que os Estados Unidos gostariam de ver naquele país "uma transição para a democracia como as que se observam no Brasil e na Argentina".

Abrams diz que o governo do general Augusto Pinochet não é o único problema do Chile e destaca "as atividades dos

Arquivo

Elliot Abrams

comunistas", incluindo as descobertas de arsenais clandestinos, com grande quantidade de armas de fabricação soviética, e o recente atentado contra a vida do presidente. "Isso não vai ajudar o Chile a chegar à democracia", acrescentou.

— As intervenções soviética e cubana deveriam unir os democratas chilenos num esforço para agir a caminho da transição democrática — sugeriu Abrams, enfatizando que apenas reflete a política do governo Reagan, de apoio ao crescimento e fortalecimento das democracias na América Latina. — Queremos que os países que permanecem sob regimes ditatoriais se democratizem.

Entre esses países, estaria também a Nicarágua, governada pelos sandinistas e alvo constante das críticas de Washington, que considera a região crucial para a segurança dos Estados Unidos. Abrams afirma que "não há chance de paz na América Central enquanto os sandinistas se opuserem a ela e continuarem apoiando o terrorismo, que ameaça as democracias do continente".

— Esperamos que na cúpula de Reikjavik (entre Reagan e Mikhail Gorbachev) o desejo de paz na América Central possa ser negociado, pois o apoio soviético é que possibilita as restrições à democracia, como na Nicarágua. Mas somos realistas e não acreditamos que eles estejam interessados na estabilidade daquela região. Por isso, não sou otimista a esse respeito.

Abrams disse ainda que as relações entre Brasil e Estados Unidos melhoraram muito com a visita do presidente José Sarney a Washington e que o governo americano tem grandes esperanças de resolver os conflitos comerciais entre os dois países, especialmente na área da informática, através de negociações. "Até 31 de dezembro teremos tempo para conversar e acho que conseguiremos encontrar uma solução", concluiu.